



A MUSICOGRAFIA BRAILLE ALIADA À PERFORMANCE MUSICAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

**Gabriel Silva Evangelista do Nascimento¹ e
Nathalia Gabriella Fernandes Aguiar²**

RESUMO

O presente trabalho pretende relatar os resultados parciais obtidos na pesquisa relacionada à musicografia braille como aliada à performance musical de pessoas com deficiência visual total, baixa visão profunda e baixa visão moderada. No que diz respeito à sua natureza, trata-se de pesquisa aplicada, possuindo abordagem qualitativa e tem o objetivo de verificar qual a relação entre Musicografia Braille e performance musical. Como procedimentos metodológicos, foram aplicados: questionário e pesquisa bibliográfica. Como resultado parcial, percebeu-se que a musicografia braille auxilia a interpretação pessoal de peças musicais com a ressalva de que também existem outros fatores existentes que colaboram para um bom resultado performático.

PALAVRAS-CHAVE

Musicografia braille; performance; inclusão.

Como citar este artigo?

NASCIMENTO, Gabriel Silva Evangelista do; AGUIAR, Nathalia Gabriella Fernandes. A musicografia braille aliada à performance musical de pessoas com deficiência visual. *In: Encontro sobre Música e Inclusão*, 8., 2021, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2021. Tema: Como anda a Inclusão? Pessoas com necessidades educacionais específicas nos contextos não presenciais de Ensino. p. 48 – 59. Disponível em: <https://emi.musica.ufrn.br/>.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: gabriel.jazz20@gmail.com.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: nathlia99@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Conforme a música tornou-se mais complexa com os anos, os meios de registrá-la também evoluíram. No século XI, estabeleceu-se um sistema de pontos com formas diversas escritas numa pauta de traços horizontais - precursor do nosso padrão moderno de notação musical. A transmissão oral de uma peça abria margem para várias interpretações que sempre eram compartilhadas com alterações pessoais de cada indivíduo. Tal situação se resolveria, em parte, com um padrão estabelecido pela notação musical.

A notação não só ajudou a padronizar a execução, como permitiu que se escrevessem novas músicas, o que ocorreu no século XII em diante, marcando o início da música clássica como é conhecida hoje. A música não era mais anônima e passada oralmente, isso levou ao surgimento de compositores que gostavam de testar técnicas inovadoras. (COLLISSON, 2019, p. 21).

Contudo, a notação musical para pessoas com deficiência visual não se desenvolveu da mesma forma que a notação em tinta, nem mesmo o seu acesso: durante muito tempo, esse público dependeu da transmissão oral da partitura. Dito isso, a ausência em grande escala das partituras adaptadas para o Sistema Braille faz com que as pessoas com deficiência visual passem pela mesma situação pela qual passavam os músicos, de maneira geral, antes da padronização da escrita em tinta. A saber, surge a dependência da entrega do material de apoio por vezes improvisado ou passado de maneira oral. Atrrelado a esse fator, o primeiro contato com o material nessas condições já se dá influenciado por alterações pessoais de quem a compartilha.

De tal maneira, motivados por este cenário, objetivamos verificar como o acesso à partitura em braille pode interferir no desenvolvimento da performance musical de uma pessoa com deficiência visual. Nesse sentido, buscamos saber se o uso da Musicografia Braille acelera o processo de leitura da partitura e auxilia no desenvolvimento de recursos interpretativos para performance musical, se comparado ao aprendizado de repertório guiado unicamente por meio da transmissão oral.

2 A MUSICOGRAFIA BRAILLE

A Musicografia Braille “consiste no sistema de leitura e escrita musical convencionalmente adotado por pessoas com deficiência visual” (BONILHA, 2010, p. 5) e é derivado dos 64 caracteres que formam o Sistema Braille. Os fundamentos da Musicografia Braille foram concebidos por Louis Braille, criador desse sistema de escrita. Não obstante o

fato de Louis Braille ter consolidado as bases dessa notação musical, ocorreram diversas convenções posteriores e acordos entre diferentes países, no sentido de aprimorar e adaptar esse código às especificidades de diferentes formas de representação musical. Considerando que a transcrição da partitura em tinta para o braille deve "ser o mais fiel possível ao original impresso" (KROLICK, 2004, p. 17), interpretações próprias não são escritas, respeitando, dessa maneira, os acordos internacionais de padronização e o pleno acesso à linguagem musical.

A autora Dolores Tomé (2003, p. 25-26) discute que a Musicografia Braille se difere da escrita musical visual, a primeira fazendo uso somente da linha horizontal - tendo em vista que toda informação musical (melodia, ritmo e harmonia) se dá numa linha horizontal - e a segunda, além do eixo horizontal, o vertical, pois há o uso do pentagrama. No entanto, apesar dessa aparente dificuldade na leitura apenas horizontal, "a partitura transcrita por um profissional qualificado não oferece dificuldades de leitura aos músicos cegos" (TOMÉ, 2003, p. 33).

É válido ressaltar que nem todo transcritor braille possui capacidade de transcrever partituras para a musicografia braille, uma vez que há sinais de que "mesmo sendo representados igualmente nas celas, aplicam-se diferentemente para cada instrumento" (MORAIS, 2020, p. 15). É preciso possuir conhecimento não apenas do Sistema Braille, mas também da teoria musical e especificidades de cada instrumento. Diante desses fatos, é possível perceber que o principal empecilho não se encontra na leitura do sistema e sim na escassez de profissionais especializados em transcrição de partituras braille. Morais discute sobre a carência de partituras em braille nas instituições de ensino:

Não há acervo disponível, ao contrário da realidade encontrada com o material em tinta. Vale salientar, ainda, que a impressora específica para preparar o material em braille não tem fácil acesso, tanto pelo seu valor de aquisição, visto que não é um equipamento de preço acessível, quanto pela falta de profissional qualificado para manusear a mesma. A impressão em braille requer papéis específicos, além de configurações características. Dessa forma, o desenvolvimento do material em braille envolve profissionais especializados, desde a transcrição até sua materialização. (MORAIS, 2020, p. 92).

A partir do estereótipo de possuírem a percepção musical bem desenvolvida devido à ausência da visão, muitas pessoas acreditam que a única maneira que o indivíduo com deficiência visual tem de aprender a tocar é através da audição. Por causa disso, o acesso ao código, durante muito tempo, foi negligenciado e, em alguns contextos, permanece sendo. Para Bonilha (2010, p. 9), a leitura e escrita da musicografia braille são tão importantes para uma pessoa com deficiência visual como a leitura e a escrita musical são para as pessoas que podem enxergar. Neste sentido, há uma lacuna nas vias de ensino musical destinadas às

peessoas com necessidades específicas. Por conseguinte, como um elemento de considerável valor para a educação musical da pessoa com deficiência visual é capaz de influir na desenvoltura da performance musical?

3 MUSICOGRAFIA BRAILLE ALIADA À PERFORMANCE MUSICAL

De acordo com Kuehn (2012, p. 16), “‘performar’ significa, portanto, ‘atuar’ e ‘transformar’”. Sua valia está na comunicação com o público espectador. Isto posto, Kuehn (2012, p. 16) discute que a performance pode ser facilmente confundida com a interpretação musical - contemplação, análise e reflexão teórica - que é uma das mais vastas etapas de aprendizagem para se obter um desempenho satisfatório. Este, geralmente, é mensurado pelos seguintes pilares: relação gerada entre o intérprete, o seu instrumento, o público e a própria obra executada. Segundo a analogia de Cerqueira, Zorzal e Ávila (2012, p. 94), o trabalho do artesão que molda cuidadosamente sua matéria-prima, se dedicando em tempo, atenção a detalhes, cuidados estéticos, etc. até a elaboração do produto final, assemelha-se com a busca interpretativa. A jornada de experimentos, ideias, descobertas, devaneios, influências sociais, culturais, etc. a fim de uma identidade na interpretação, de fato, caracteriza uma forma única de interpretar.

Segundo Cerqueira, Zorzal e Ávila (2012, p. 95), o processo de aprendizagem de instrumentos musicais até o século XVIII se compreendia pela transmissão de conhecimentos por intermédio da relação entre mestre e aprendiz fundamentada em princípios práticos. No que concerne a essa convicção, o docente que já possui elaborada a sua metodologia interpretativa tende, de modo preciso, a repassar seus conhecimentos aos alunos que acabam desempenhando musicalmente uma sonoridade semelhante à sua, em quesitos interpretativos. A interpretação é o passo e caminho tomado para a obra final, nesse caso, a performance. Assim como o artesão, a obra final executada pelo intérprete reflete sua intimidade com ela, criatividade e influências ao desempenhá-la. O grande desafio consiste em criar uma identidade própria, menos usual, e saber a combinação perfeita que una os pilares da performance musical. A performance musical pode ser considerada como uma rede colaborativa viva e dinâmica, na qual as opções são exploradas, descobertas, erradas e/ou acertadas, fazendo emergir informações inacessíveis àqueles que se limitam a uma partitura tradicional finalizada (BITTENCOURT, 2018, p. 3).

Muito se estuda acerca dos princípios físicos e psicológicos da performance musical e sua ligação com um bom desempenho performático. É comum ver musicistas tentando não se limitar unicamente à escrita musical. Contudo, pouco se discute sobre o que fazer quando nem ao menos o acesso à partitura musical é possível. Infelizmente, a solução, muita das

vezes, acaba sendo conhecer a música apenas através de sua escuta. É possível perceber todas as nuances da peça musical estudando-a a partir da interpretação individual de outra pessoa? Segundo Lemos (2019, p. 7), ao interpretar uma peça, há fatores determinados pela situação sociocultural que geram divergências na realização musical posterior à análise pessoal da partitura.

A individualidade interpretativa não depende necessariamente da análise que se faz de uma partitura ou de qualquer material de apoio para estudo de uma peça específica. É possível elaborar uma interpretação única usando a criatividade, a partir do que se possui de bagagem musical e de técnicas aprendidas - por mais limitadas que sejam - com ou sem acompanhamento de um material didático ou de um mentor. Para o adepto do estudo acompanhado da partitura, traçar princípios para execução da obra é muito comum, embora possam ser alterados com a maturação técnica e interpretativa, essa prática estabelece alguns ideais de timbre, articulação, andamento, dinâmica, etc. Esses rudimentos mencionados anteriormente no aprendizado e no exercício da leitura da partitura farão total diferença nos caminhos escolhidos para interpretar. Levando, dessa forma, o artista a reestruturar frequentemente a concepção musical inicial. O recurso da partitura registra e facilita o acompanhamento pessoal desses princípios, contribuindo com a evolução do artista, sua performance e direcionando-o cada vez mais a propor seu perfil às peças estudadas. Essa outra maneira de explorar a peça também deve ser apresentada e acessível aos deficientes visuais.

Os elementos da Musicografia Braille, no violão, dentre outros, são: digitação das mãos esquerda e direita, indicações de posição, técnicas estendidas, cujos quais trazem uma perspectiva distinta do aprendizado sem essas escoras que também são ótimos recursos mnemônicos. Essa outra maneira de explorar a peça também deve ser apresentada e acessível aos deficientes visuais.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Com o intuito de saber a implicação que a Musicografia Braille tem na performance musical por parte de pessoas com deficiência visual, foi elaborado um questionário. Procurou-se saber se a Musicografia Braille acelera o processo de leitura da partitura e a curva de aprendizado da interpretação musical, se comparado ao aprendizado do repertório que se dá totalmente por meio da audição.

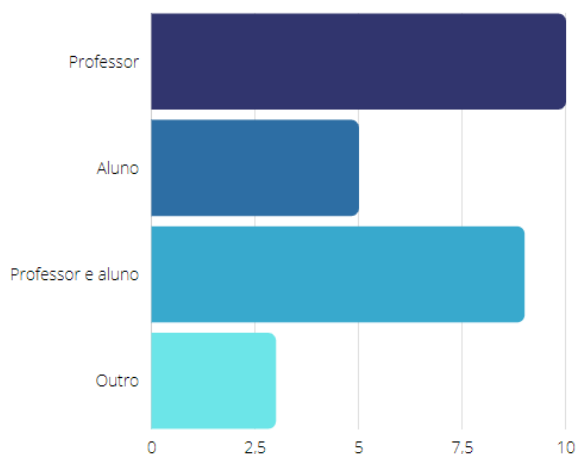
Foram formuladas 10 perguntas. O questionário foi produzido através do *Google Forms* e enviado por meio de endereços de *e-mail* e contatos do aplicativo *WhatsApp* para o total de 157 pessoas com e sem deficiência visual que participaram do Encontro Internacional

de Musicografia Braille, ocorrido em formato *online* nos dias 27 e 28 de agosto de 2020. Dessa amostragem, obtivemos o retorno de 17,19% dos convidados. Considerando os respondentes, perceberam-se 21 residentes no Brasil, 2 residentes em Cabo Verde, 1 residente em Moçambique e 3 residentes em Portugal.

As três primeiras perguntas caracterizaram-se como discursivas, destinadas à identificação do perfil dos respondentes: identificação do nome completo, país em que reside e formação acadêmica. Em relação a este último item, dentre as pessoas que responderam, foi possível perceber os seguintes quantitativos: Ensino Médio: 1 pessoa; Ensino superior: 17 pessoas; Pós-Graduação: 10; Doutorado: 3 pessoas.

A quarta pergunta tem natureza objetiva: "Em relação ao uso da Musicografia Braille, como vossa senhoria se identifica?", tendo como opções de resposta: professor, aluno, professor e aluno e outros que se caracterizaram como pesquisador ou pessoa que conhece pouco.

Gráfico 1: Em relação ao uso da Musicografia Braille, como a vossa senhoria se identifica?



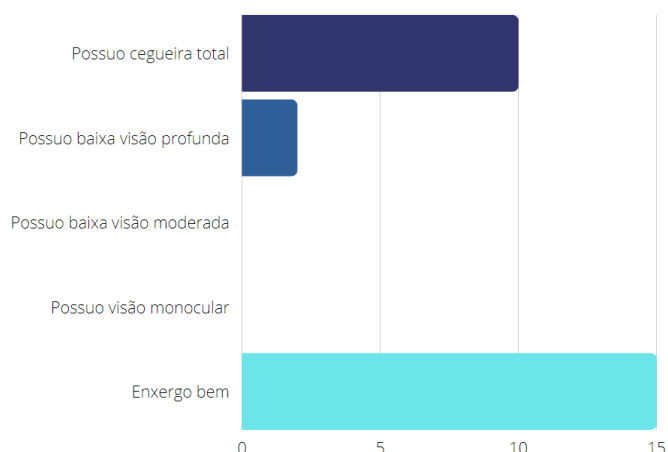
Fonte: autores do trabalho, 2021.

[Descrição de imagem] Gráfico de barras horizontais, com eixo horizontal de 0 a 10 com divisões a cada 2,5. No eixo vertical, de cima para baixo, quatro barras em tons de azul do mais escuro ao mais claro, nos valores: Professor, 10, Aluno, 5, Professor e Aluno, 9 e Outro, 3. [Fim da descrição]

Ao analisar separadamente as pessoas com e sem deficiência visual, é possível perceber que um total de 12 pessoas classificaram-se com deficiência visual, entre elas, 1 professor, 5 professores-alunos, 4 alunos, 1 que conhece pouco e 1 que estudou quando criança e utilizou o código braille até a faculdade.

A quinta pergunta definiu-se como objetiva: "Em relação à deficiência visual, como vossa senhoria se identifica?".

Gráfico 2: Em relação à deficiência visual, como vossa senhoria se identifica?



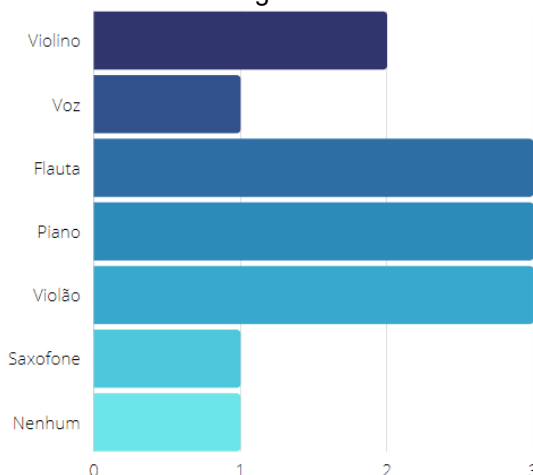
Fonte: autores do trabalho, 2021.

[Descrição de imagem] Gráfico de barras horizontais, com eixo horizontal de 0 a 15 com divisões a cada 5. No eixo vertical, de cima para baixo, barras em tons de azul do mais escuro ao mais claro, nos valores: Possuo cegueira total, 10, Possuo baixa visão profunda, 2, Possuo baixa visão moderada, 0, Possuo visão monocular, 0 e Enxergo bem, 15. [Fim da descrição]

Através da pergunta 5 procurou-se averiguar o total de pessoas da amostragem que responderam se possuem ou não deficiência visual. 10 pessoas se identificaram como “Possuo cegueira total”; 2 pessoas se identificaram como “Possuo baixa visão profunda”; 15 pessoas identificaram-se como “Enxergo bem” e nenhuma pessoa se identificou como “Possuo baixa visão moderada” e “Possuo visão monocular”.

A sexta pergunta caracterizou-se como discursiva: “Instrumento musical com o qual mais utiliza a Musicografia Braille”. Analisando separadamente as pessoas com e sem deficiência visual e levando em consideração que duas pessoas selecionaram mais de um instrumento, é possível verificar que, entre as pessoas que se consideram deficientes visuais, 3 utilizam a flauta doce, 3 utilizam o violão, 3 utilizam o piano, 1 utiliza o saxofone, 2 utilizam o violino, 1 a voz e 1 nenhum.

Gráfico 3: Instrumento musical com o qual mais utiliza a Musicografia Braille.

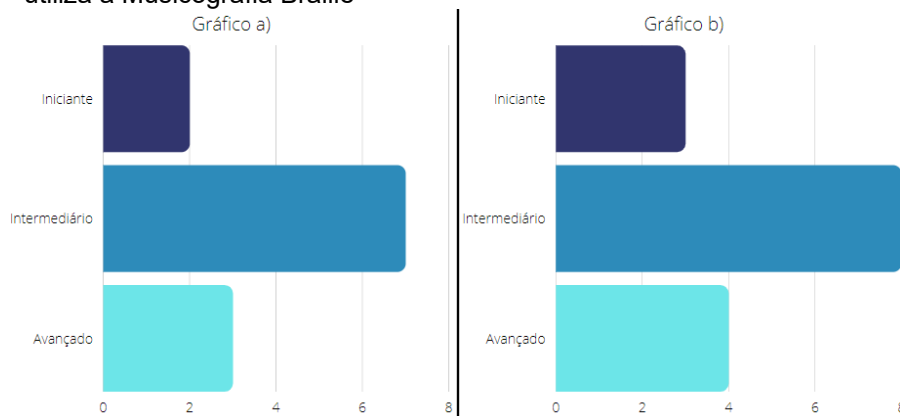


Fonte: autores do trabalho, 2021.

[Descrição de imagem] Gráfico de barras horizontais, com eixo horizontal de 0 a 3 com divisões a cada 1. No eixo vertical, de cima para baixo, sete barras em tons de azul do mais escuro ao mais claro, nos valores: "Violino", 2, "Voz", 1, "Flauta", 3, "Piano", 3, "Violão", 3, "Saxofone", 1, "Nenhum", 1. [Fim da descrição]

A sétima pergunta caracterizou-se como objetiva: "Nível de execução com o instrumento musical com o qual mais utiliza a Musicografia Braille". Analisamos as respostas desta pergunta separando as pessoas com e sem deficiência visual a fim de maior compreensão. O gráfico a), constata os resultados das pessoas com deficiência visual, já o gráfico b), mostra os resultados das pessoas que enxergam.

Gráfico 4: Nível de execução com o instrumento musical com o qual mais utiliza a Musicografia Braille



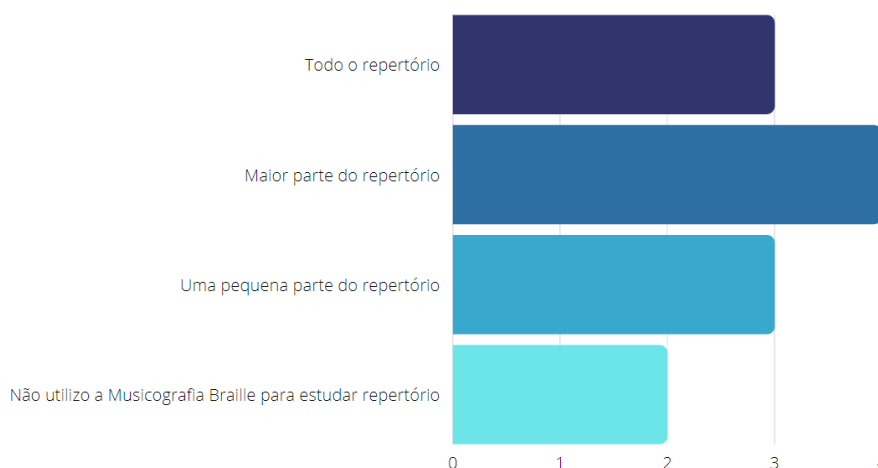
Fonte: autores do trabalho, 2021.

[Descrição de imagem] Dois gráficos de barras horizontais lado a lado, o da esquerda intitulado "Gráfico a)", e o da direita, "Gráfico b)", com eixo horizontal de 0 a 8 com divisões a cada 2. No eixo vertical, de cima para baixo, três barras em tons de azul do mais escuro ao mais claro, nos valores: No gráfico a), Iniciante, 2, Intermediário, 7, e Avançado, 3; no gráfico b), Iniciante, 3, Intermediário, 8 e Avançado, 4. [Fim da descrição]

Dentre as pessoas com deficiência visual, 2 se classificaram como iniciantes, 7 no nível intermediário e 3 como avançados.

A oitava pergunta caracterizou-se como objetiva: "Repertório estudado por meio da Musicografia Braille". Esta pergunta também foi analisada separando as pessoas com deficiência visual a fim de maior compreensão. Dentre as pessoas com deficiência visual, 3 utilizam a Musicografia Braille para estudar todo o repertório, 5 utilizam para estudar a maior parte do repertório, 3 utilizam para estudar uma pequena parte do repertório e 2 pessoas não utilizam a Musicografia Braille para estudar repertório. É válido ressaltar que, dentre essas 2 últimas pessoas categorizadas, 1 afirma não conhecer muito o sistema braille e é iniciante no instrumento. A outra pessoa não toca nenhum instrumento, entretanto, é professora de Musicografia Braille.

Gráfico 5: Pergunta 8: Repertório estudado por meio da Musicografia Braille.

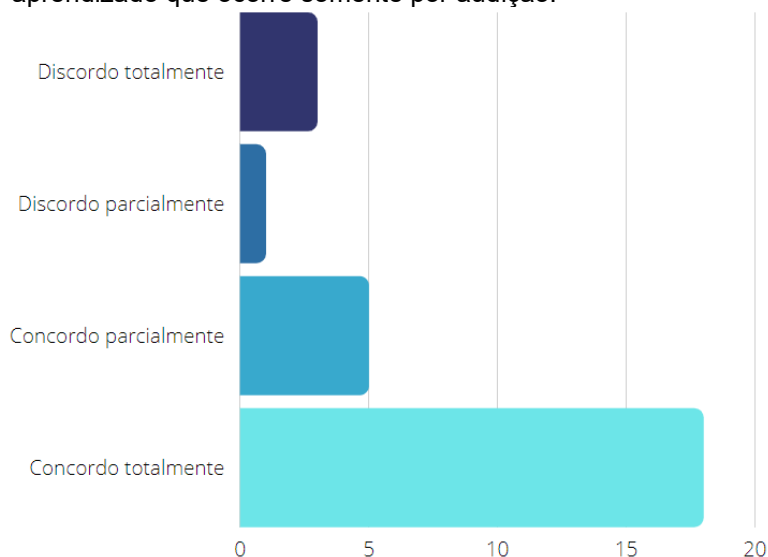


Fonte: autores do trabalho, 2021.

[Descrição de imagem] Dois gráficos de barras horizontais lado a lado, o da esquerda intitulado "Gráfico a)", e o da direita, "Gráfico b)", com eixo horizontal de 0 a 8 com divisões a cada 2. No eixo vertical, de cima para baixo, três barras em tons de azul do mais escuro ao mais claro, nos valores: No gráfico a), Iniciante, 2, Intermediário, 7, e Avançado, 3; no gráfico b), Iniciante, 3, Intermediário, 8 e Avançado, 4. [Fim da descrição]

A nona pergunta, de concordância/discordância, é: "Sobre o acesso à partitura em braille acelerar o processo de leitura da partitura e a curva de aprendizado da performance musical, em relação ao aprendizado que ocorre somente por audição".

Gráfico 6: Pergunta 9: Sobre o acesso à partitura em braille acelerar o processo de leitura da partitura e a curva de aprendizado da performance musical, em relação ao aprendizado que ocorre somente por audição.



Fonte: autores do trabalho, 2021.

[Descrição de imagem] Gráfico de barras horizontais, com eixo horizontal de 0 a 10 com divisões a cada 5. No eixo vertical, de cima para baixo, quatro barras em tons de azul do mais escuro ao mais claro, nos valores: Discordo totalmente, 3, Discordo parcialmente, 1, Concordo parcialmente, 5 e Concordo totalmente, 18. [Fim da descrição]

3 pessoas discordam totalmente, 1 discorda parcialmente, 5 concordam parcialmente e 18 concordam totalmente. Ao analisar separadamente as pessoas com e sem deficiência visual, 11 pessoas concordam totalmente, 1 concorda parcialmente e 1 discorda totalmente. A pessoa com deficiência visual que respondeu discordando totalmente é professora de Musicografia Braille, contudo, não a utiliza para estudar repertório e não toca nenhum instrumento. Dentre 12 pessoas com deficiência visual, 11 concordam totalmente que o acesso à partitura em braille acelera o processo de leitura da partitura e a curva de aprendizado da performance musical, em relação ao aprendizado que ocorre somente por audição. Entre as três pessoas que discordam totalmente, duas não utilizam a Musicografia Braille para estudar repertório e uma usa apenas uma pequena parte do repertório.

A décima pergunta foi discursiva e objetivou saber o motivo anterior. A partir das respostas, podemos perceber a implicação que o acesso à Musicografia Braille tem na performance musical por parte de pessoas com deficiência visual. Por meio das respostas coletadas, percebemos que além da Musicografia Braille oferecer independência aos seus usuários em relação à performance musical, estudo e interpretação da obra, ela reafirma os direitos e deveres do acesso à partitura para o desenvolvimento da performance. A partitura em braille acelera o processo de aprendizado ao se tratar do estudo de repertório mais complexo ou, por exemplo, quando diz respeito a arranjos específicos dentro de uma

formação coletiva. O nível de detalhe do que se aprende escutando não atinge o que se percebe com a leitura do texto, esse raciocínio vale tanto para a partitura em tinta como para em braille.

Além disso, um dos colaboradores ressaltou: não se pode deixar de levar em consideração o fato de que a produção de partituras em braille é de grande demanda, pois requer maquinário caro, o qual não se encontra em todo lugar. Para mais, são necessárias pessoas que compreendam as especificidades dos sinais de cada instrumento a fim de transcrever o material. Outro colaborador respondeu que não possui acesso à partitura em braille.

Uma boa performance não depende exclusivamente da prática da leitura. Porém, é importante levar em consideração que possuir um suporte escrito no aprendizado do repertório permite uma maior autonomia nos estudos na notação musical e facilita a memorização das partituras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na investigação de Moraes (2019, p. 92), o posicionamento dos participantes no que diz respeito à importância da Musicografia Braille para o desenvolvimento musical foi unânime.

A musicografia braille representa uma grande aliada como recurso de acessibilidade para que as pessoas com deficiência visual desenvolvam-se com mais autonomia, pois permite a alfabetização musical, sendo esta um importante recurso para a formação qualificada do músico. (MORAIS, 2019, p. 90).

Moraes (2019, p. 92) conclui que, apesar dessa relevância do código visando uma autonomia nos estudos e desenvolvimento no instrumento musical, é preciso reconhecer as dificuldades de acesso à Musicografia Braille e nível de complexidade da partitura.

Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, buscamos saber as implicações que a Musicografia Braille tem na performance musical por parte de pessoas com deficiência visual. Foi dado início à investigação para saber se o uso da Musicografia Braille acelera o processo de leitura da partitura e acelera a curva de aprendizado da interpretação musical. O próximo passo será comparar essa curva de aprendizado numa pesquisa de campo utilizando a pesquisa-ação para análise da realidade investigada e aplicação de questionários direcionados aos participantes.

Como resultado parcial, chegamos à conclusão que, para ser um bom músico e ter um bom resultado performático, não é necessário dominar a leitura de partituras. Entretanto, a

riqueza de detalhes que o acesso à partitura apresenta - por ser uma linguagem com maior rigor informativo - comumente é omitida pela espontaneidade da transmissão oral.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Pedro Sousa. Performance musical como rede colaborativa e dinâmica, **Anais** da XXVIII ANPPOM, Manaus. 2018. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/28anppom/manaus2018/schedConf/presentations>. Acesso em: 21 maio 2021.
- BONILHA, Fabiana Fator Gouvea. **Do toque ao som: o ensino da musicografia Braille como um caminho para a educação musical inclusiva**. 2010. 261f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/283935>. Acesso em: 21 maio 2020.
- CERQUEIRA, Daniel Lemos.; ZORZAL, Ricieri Carlini.; ÁVILA, Guilherme Augusto de. Considerações sobre a aprendizagem da performance musical. **Per Musi.**, Belo Horizonte, n. 26, 2012, p. 94-109. Disponível em: <http://musica.ufmg.br/permusi/permusi/port/numeros/26/index.htm>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- COLLISSON, Steve. **O livro da música clássica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- KROLICK, Bettye. **Manual internacional de musicografia braille**. Coordenação geral Maria Glória Batista da Mota. União Mundial de Cegos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. 310p.
- KUEHN, Frank M.C. Interpretação - Reprodução musical - Teoria da performance: reunindo-se os elementos para uma reformulação da(s) prática(s) interpretativa(s). **Per Musi.**, Belo Horizonte, n.26, 2012, p.7-20. Versão revisada de 2014. Disponível em: <http://musica.ufmg.br/permusi/permusi/port/numeros/26/index.htm>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- LEMONS, Caio Victor de Oliveira. Performance musical como discurso: proposta de análise. **Revista Vórtex**, [S. l.], v. 7, n. 1, abr. 2019. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/2687>. Acesso em: 21 maio 2021.
- MORAIS, Pâmela Araújo de Moura. **Especificidade da escrita Braille aplicada ao violão**. 2020. 97f. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30332>. Acesso em: 21 maio 2021.
- TOMÉ, Dolores. **Introdução à musicografia braille**. São Paulo: Global, 2003. 109p.